

e, dessa maneira, ser classificado de formas diferentes. Esses elementos linguísticos operam a progressão textual, desempenhando nela funções das mais variadas, de ordem cognitiva, discursivo-argumentativa, organizacional, metaenunciativa e interacional. Desta forma, não apenas são responsáveis, em grande parte, pela coesão textual, como também por um número bastante significativo de indicações ou sinalizações destinadas a orientar a construção interacional do sentido e, portanto, da coerência.

BIBLIOGRAFIA

- 100 GÜLICH, Eli. *Makrosyntax der Gliederungssignale im Gesprochen Französisch*. München: Fink, 1970.
- JUBRAN, Clélia C. Abreu Spinardi. "Parentização". In: JUBRAN, C.C.A.S. & KOCH, I.G.V. Gramática do português culto falado no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003, p. 301-357.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de linguística para o texto literário*. Trad. brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (*Éléments de linguistique pour le texte littéraire*. Paris: Bordas).
- SANTOS, Leonor Werneck dos. *Articulação textual na literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

(1ª versão em "As marcas de articulação na progressão textual" – aceito para publicação em livro em homenagem aos 70 anos do professor Eberhad Gärtner. Frankfurt am Main: Alemanha. [no prelo].)

7. TEMATIZAÇÃO E REMATIZAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

101

I. INTRODUÇÃO

É sabido que cada língua apresenta uma variedade de formas de expressão, abrindo-se, dessa maneira, para o falante um amplo espaço de formulação, de escolha entre um leque de opções. Assim, a construção dos sentidos no texto depende, em grande parte, das escolhas que ele realiza.

As várias maneiras de efetivar, nos textos, a articulação tema-remática constituem um desses feixes de escolhas significativas. Serão examinadas, aqui, as diferentes formas de articulação tema-remática, com ênfase especial naquelas em que, em virtude de deslocamentos de constituintes, ocorre algum grau de segmentação sintática do enunciado – casos em que o falante opta pela utilização de *estratégias de tematização e de rematização* –, bem como descrever as nuances de sentido que cada uma delas, quando posta em ação, viabiliza.

Os conceitos de *tema* e *rema* em questão são aqueles postulados pelos autores da Escola Funcionalista de Praga (Daneš, Firbas, Sgall, entre outros), ou seja: do ponto de vista funcional, cada enunciado divide-se em (pelo menos) duas partes – tema e rema –, a primeira das quais consiste no segmento sobre o qual recai a predicação trazida pela segunda. Isto é, tem-se um segmento comunicativamente estático – o tema – oposto a outro segmento comunicativamente dinâmico – o rema, núcleo ou

comentário. Não se trata aqui apenas de um critério posicional (ponto de vista defendido, como se sabe, por muitos linguistas), mas de um critério funcional, fortemente relacionado à prosódia do enunciado (portanto, verificável especialmente na fala) e, sob muitos aspectos, associado às noções de dado e novo.

No dizer de Ilari (1992: 25), "a Escola Funcionalista de Praga desenvolve em suma uma linguística da *fala* (...) e insiste no fato de que se podem encontrar regularidades, que autorizam tentativas de organização e descrição, mesmo no nível da oração realizada (*utterance*). Ora, ao analisar orações efetivamente realizadas, e não apenas orações que sirvam de exemplo de boa formação sintática, constata-se que, enquanto unidade comunicativa, a oração serve aos locutores para realizar uma dupla função: a de estabelecer um elo com a situação de fala, ou com o texto linguístico que a precedeu, e a de veicular informações novas". Assumindo tal posição, tomaremos como unidade básica de análise o *enunciado* ou a *unidade comunicativa* (Marcuschi, 1986: 62), embora, como será ressaltado mais adiante, uma construção com tema marcado possa ter, em muitos casos, a função de delimitar segmentos tópicos ou indicar a introdução ou a mudança de tópicos discursivos.

Em termos da articulação tema-remata, particularmente em se tratando da língua falada, tem-se, como mostram Koch & Oesterreicher (1990), ao lado de casos de integração sintática plena (construções não marcadas, em que o remata, portador de informação nova, sucede naturalmente ao tema, que veicula a informação dada), uma série de padrões expressivos em que se pode falar de *segmentação e/ou de deslocamento de constituintes*. A segmentação será aqui entendida como qualquer tipo de alteração da ordem não marcada, devida a uma ruptura ou alteração na ordem não marcada dos constituintes, com vistas à extração ou *mise-en-relief* de um constituinte do enunciado, dando origem a construções de tema ou remata marcados. Daněš (1967) já afirmava que a ordem dos constituintes que seria de se esperar por razões de ordem sintática é frequentemente infringida por razões de ordem funcional.

Existem, assim, duas grandes modalidades de sequenciação tema-remata:

- 1) sequências em que ocorre plena integração sintática entre elementos remáticos e remáticos; sem qualquer tipo de segmentação (construções não marcadas), que constituem o padrão, sendo comuns à oralidade e escritas;
- 2) construções com tema ou remata marcados (em consequência do emprego de estratégias de tematização e de rematização), com graus mais reduzidos de integração sintática, devidos à ocorrência de segmentação, nos termos anteriormente definidos.

Aqui será enfocada a segunda modalidade. Serão examinados casos de deslocamento (anteposição e posposição) de elementos temáticos e remáticos. Em se tratando de tematização, serão examinados especialmente os exemplares de temas marcados representados por SNs. Não se tratará, portanto, de todos os casos de anteposição de constituintes, como, por exemplo, a anteposição dos diversos tipos de construções adverbiais, a não ser que estas venham a assumir a forma de sintagmas nominais não preposicionados (*SFs sem cabeça*, na terminologia de Karo, 1989) ou a configurar o tipo específico de tematização marcada derivada da anteposição do que, nas gramáticas tradicionais, se costuma denominar *adjunto adverbial de assunto* (cf. item 1.1, caso 1).

Levar-se-ão em conta, na análise, os seguintes critérios: a) grau de integração sintática do enunciado, nos moldes postulados por Koch & Oesterreicher (1990); b) procedimentos linguísticos utilizados para realizar a tematização ou a rematização (marcas); c) funções discursivas das construções resultantes de segmentação.

O campo de análise situa-se, pois, na interface sintaxe-discurso.

2. SEQUÊNCIAS TEMA-REMA

O papel das construções segmentadas é, em se tratando de construções com *tema marcado*, destacar um elemento do enunciado, colocando-o em posição inicial, com o objetivo de indicar para o interlocutor, desde o princípio, aquilo de que se vai tratar; ou em posição final, para fornecer um esclarecimento a mais, uma complementação, um adendo. O emprego dessas construções

permite, assim, operar um tipo de hierarquização das unidades linguísticas utilizadas, trazendo uma contribuição importante para a coerência discursiva, da mesma forma que a anteposição do rema ao rema desempenha funções discursivas e interacionais relevantes, conforme será visto a seguir.

Passaremos, pois, a examinar as sequências rema-remas de acordo com os critérios acima explicitados.

104

2.1. No que diz respeito aos *graus de integração sintática*, na acepção de Koch & Oesterreicher (1990), podemos destacar os seguintes casos, partindo-se do grau máximo em relação ao grau mínimo de integração:

a) construções com tematização marcada, introduzidas por expressões do tipo *quanto a...*, *no tocante a...*, *no que diz respeito a...*, *com referência a...*, etc., que, devido ao alto grau de integração, são comuns às modalidades oral e escrita, sendo mais frequentes na comunicação relativamente formal. Trata-se, nesse caso, do que a gramática tradicional descreve como anteposição do adjunto adverbial de assunto. Além do enunciado que introduz o presente item, vejamos, por exemplo:

(1) *Em relação às bancadas*, os quercistas sentem maiores dificuldades no Senado. Um grupo de senadores chegou a convidar o governador Luiz Antônio Fleury Filho (SP) para uma conversa anteontem, em Brasília. (*Folha de São Paulo*, 19/3/1993, 1-9).

(2) ... e nós temos boas orquestras também (...) inclusive na Tupi temos boas orquestras e temos... e *no que tange à nossa música popular* eu acho que:: agora a televisão está abrindo as portas... para a nossa música popular coisa que o rádio não faz... (D2 SP 333: 335-339).

(3) então... *sobre o problema do primário* ... essa reforma do primário e ginásio eu não estou muito a par não, né? (DID SSA 231: 17-19).

Ilari (1992: 58) acrescenta a esse tipo de construção enunciados introduzidos mediante expressões como "por falar em...", "a propósito de...", "já que você tocou em"/"já que estamos tocando em..." e outras, bastante comuns na interação informal face a face.

b) construções com rema marcado, em que ocorre a anteposição de um elemento do enunciado que tem nele função sintática bem definida, a qual é depois confirmada pela presença de um elemento de retomada (pronomes-*sombra*) no interior do comentário.

Segundo Lambrecht (1981), "a coocorrência de um nome e de um pronome anaforizado nas construções deslocadas é a manifestação formal de um princípio funcional: a codificação de uma relação rema-propósito na estrutura de superfície do enunciado".

Blasco (1995), por sua vez, acusando de reducionistas as análises puramente temáticas ou discursivas, procura mostrar a importância de se levarem em conta as propriedades morfossintáticas dos elementos que entram nessas construções e, em especial, de se distinguir entre deslocamentos para diante do verbo e deslocamentos para depois do verbo, já que, para ela, tanto a posição como a forma morfológica e a função sintática do elemento deslocado são indissociáveis de seu valor informacional. Tais questões serão retomadas mais adiante. Limite-me, por ora, a apresentar alguns exemplos do caso em tela:

(4) ... ele vai ao jogo de futebol com o tio... porque *o Nelson*... fins de semana *ele* estuda então:: quase não sai com a gente... (D2 SP 360: 1356-1358).

(5) então *o Japão*... *ele*... desde o seu início... ((interferência de locutor acidental)) desde o seu início... *ele* tinha... *ele* contava como força fundamental das suas cidades-*colônias*... os dois fatores ... (EF/RJ 379: 53-56).

(6) *esses Bicudos* ... parece-me que *um deles* foi para:: região de Itu... e *o outro* entrou... para o vale do Paraíba... (DID SP 208: 551-553).

(7) como assim? não entendi a sua dúvida por exemplo *o*: ... *lemingue* toda vez que tem superpopulação *elas* vão para o mar *ee*: se matam aos montes... (D2 SP 343: 1466-1468).

(8) *esse problema de puxar pela criança* – “Ah, não deve puxar pela criança” – eu acho que *isso* não funciona muito. (NURC SSA DID 231: 93-95).

106 Cabe observar que, quando o elemento de retomada é, como no exemplo (8), um pronome demonstrativo ou indefinido como *isto, isso, aquilo, tudo, etc.*, ele remete, frequentemente, a porções textuais precedentes, que encerram conteúdos expressos ou subentendidos, cuja delimitação nem sempre é fácil de se efetuar com precisão.

c) construções com tema marcado, sem retomadas pronominais, isto é, com elipses (categorias vazias), mas em que a função sintática do elemento rematizado, no interior do enunciado na ordem não marcada, seria, em geral, bem definida:

(9) *bebida alcoólica*... eu gosto muito (0) ... saber? (DID RJ 328: 773).

(10) mas eu:: ahn *merenda escolar* eu tenho pouca noção (0)... (DID RJ 328: 510-511).

(11) ... eu não viajo nem num outro carro acima de oitenta ou noventa... de velocidade... *a Kombi* dá pra fazer isso (0) de modo que eu vou tranquilo (D2 SSA 98: 144).

(12) *Olinda* ninguém mora (0) ... ninguém diz é lá que eu moro... não... diz é lá que eu pernoito (D2 REC 05: 1094-1096).

(13) as comidas baianas eu gostei muito (0) sabe? (DID/RJ 328: 167-168).

(14) ...então *a menopausa*... é::... nós vamos notar uma diminuição considerável d/dos hormônios... dessas glândulas mamárias (0) ... (EF SSA 049: 62-64).

Casos dos tipos b) e c) são extremamente comuns em nosso *corpus*, nos três tipos de inquéritos, com o elemento rematizado exercendo as mais variadas funções sintáticas no enunciado. Há exemplos em que os dois tipos encontram-se lado a lado, como em:

(15) ... mas o *campo deles* eu acho que (0) está muito mais saturado do que o nosso... tanto é que:: ... eu conheço ...em:: *advogados* que eles estão trabalhando como...auxiliares na nossa própria empresa entende?... (D2 SP 62: 1199-1203).

Em outros casos, temos a coexistência dos tipos c) e a), como se pode verificar no exemplo (3) aqui reproduzido:

(3) então... *sobre o problema do primário* ... *essa reforma do primário e ginásio* eu não estou muito a par (0) não, né? (DID SSA 231: 17-19).

d) construções com tema livre (“*tenu pendens*”, “*hanging topic*”), antecedendo uma sequência oracional, sem explicitação do nexos sintático e/ou lógico-semântico:

(16) agora H. ah:: *filme*... *água com açúcar* – digamos assim – para a gente ver certas coisas que a gente vê:: americanas principalmente... antes A Moreninha né? (D2/SP 333: 779-781).

(17) ... *o direito*... *o fenômeno jurídico*... você olha... *o fenômeno jurídico* ... através de uma perspectiva... (EF/REC 337: 33).

Em (17), acumulam-se dois segmentos rematizados, o primeiro – o direito – um “*hanging topic*” e o segundo – o fenômeno jurídico – do tipo b), com as peculiaridades que serão apontadas no item 2.2.

e) construções com deslocamento, para o final, de um elemento do enunciado que, no interior deste, é representado apenas por meio de um pronome ou de uma categoria vazia. Trata-se de um procedimento bastante produtivo, em que o SN deslocado convalida o referente da forma pronominal, precisando-o melhor ou cha-

mando a atenção sobre ele, desambiguizando, assim, a mensagem e facilitando a compreensão. Lambrecht (1981) chama a atenção para a importância, no francês não *standard*, dessas construções, que denomina *antitópicas*, exemplificadas, entre muitas outras, pelo grito de guerra de Astérix: "*Ils sont fous, ces romains*". Vejam-se os seguintes exemplos, extraídos do nosso *corpus*:

(18) L1 e... depois volto para casa mas chego já apronto o outro para ir para a escola... *o menorzinho*... e fico naquelas lides domésticas... (D2 SP 360: 157-159).

(19) ... então os ingleses estão importando os filis nacional brasileiros... Para... amansarem – *isso* que é lindo *a contribuição do Brasil para a paz* ((risos)) – não digo entre os povos mas pelo menos entre os cães – para amansar os cães de guarda... ingleses que eram muito ferozes... (D2 SP 333: 1057-1062).

(20) L2 grande oportunidade para os nossos artistas não é?

L1 isso é muito bom:: eh:: e ain/:: e a novela puxa o disco porque na vendagem dos discos *eles* são muito ... requisitados *esses discos de novela* né? (D2 SP 4333: 530-533).

Na terminologia de Blasco (1995), temos aqui o deslocamento para depois do verbo. Segundo a autora, nesses casos, o elemento lexical deslocado para depois do verbo é sempre uma espécie de lembrete ("*appel*") lexical, referencial e sintático. Para ela, o referente do sintagma deslocado não pode ser pressuposto: será sempre um referente conhecido e dado pelo contexto anterior. Contudo, não são raros casos em que o referente – mesmo tendo sido mencionado ou indicado, de alguma forma, no contexto anterior, sendo, portanto, dado ou inferível a partir deste – não é facilmente determinável, visto que exige um "cálculo" por parte do interlocutor; de modo que o uso desse tipo de construção tem por fim, justamente, deixar claro, precisando-o melhor, o referente de que se trata, como é o caso em (18) e (20). Observe-se, ainda, que *isso*, no exemplo (19), parece funcionar, simultaneamente, como anafórico e catafórico, isto é, remete tanto ao que o precede, como ao que vem na sequência.

f) construções em que se justapõem dois blocos de informação, sem qualquer ligação sintática. Por exemplo:

(21) e os amigos... nada... (embora se trate de um exemplo criado, construções desse tipo são extremamente comuns na fala espontânea).

(22) porque a relenovela... como é feita aqui é um gênero ... que o estrangeiro... o estrangeiro... de bom nível intelectual/intelectual que chega ao Brasil... se enamora das boas novelas bem entendido então Gabriela ... conversei com um professor francês que disse que jamais isso veria nada parecido em Paris... que achava a televisão que se fazia lá... do ponto de vista ficcional... era... infinitamente pior... porque... eles não rem:: *eles leu em matéria de ficção são os velhos filmes não é?* (D2 SP 333: 385-394).

2.2. Quanto aos procedimentos linguísticos utilizados, podem-se, pois, arrolar os seguintes:

2.2.1. Deslocamento à direita do SN extraído, com presença de uma forma pronominal no lugar do elemento extraído (exs. 18, 19, 20)

2.2.2. Deslocamento à esquerda:

- a) com o uso de expressões tematizadoras (exs. 1 a 3);
- b) com retomada do elemento tematizado no interior do enunciado (exs. 4 a 8);
- c) sem retomada do elemento tematizado no interior do enunciado (exs. 9 a 14).

2.2.3. Sem deslocamento, com o enunciado cindido em duas partes, isto é, com mera justaposição, acompanhada de entonação específica (exs. 20 e 21)

Nos casos de deslocamento com retomada do elemento retomado, é interessante examinar a *natureza do elemento deslocado* (função sintática e categoria sintagmática), bem como a do elemento utilizado como repertor.

Quanto à *função sintática* do elemento deslocado (coindexado):

a) Sujeito:

(23) ... *a glândula mamária*... como vocês estão vendo... *ela* apresenta a forma de uma semiesfera... de uma semiesfera... (EF SSA 049: 41-42).

(24) então *a minha de onze anos*... *ela* supervisiona o trabalho dos cinco... (D2 SP 360: 61).

b) Sujeito da subordinada:

(25) *medicina* você sabe que (0) é prática (DID SSA 231: 145).

(26) ... *a Air France* a gente só ouve falar que (0) dá prejuízo... (D2 RJ 355: 1203-1204).

c) Complemento:

(27) inclusive *o tal pato no tucupi* eu achei (0) muito ruim ((rindo)) sabe... (DID RJ 328: 140-141).

(28) mas eu... ahn... *merenda escolar* eu tenho pouca noção (0) (DID RJ 328: 512)

(29) *doce em calda* ... eu não vi (0) não... (DID RJ 328: 287-288).

d) Complemento da subordinada:

(30) *essas outras peças que eu tenho assistido* eu não acho que o público se manifestasse assim aplaudindo (0) (DID SP 234: 116).

e) Adjunto (indexado à posição não-V-argumental), dando origem a "SPs sem cabeça":

A questão do "SP sem cabeça" vem sendo objeto de estudos na área da sintaxe (cf., por exemplo, Kato, 1989) e na interface sintaxe/ discurso (cf. Pontes, 1987): em sendo o elemento tematizado um adjunto adverbial introduzido por preposição, ao operar-se o deslocamento para a esquerda, a preposição é, com grande frequência, omitida na fala. Isto me leva a discordar de Ilari (1992: 56), quando afirma haver "uma compulsão para preposicionar o tópico quando falta um pronome-sombra no comentário" (o que explicaria, inclusive, o uso do objeto direto preposicionado), mesmo porque tal uso fica praticamente limitado à linguagem escrita ou à fala altamente formal.

(31) *Paris* eu não pago hotel... *Paris*... eu fico na casa de um amigo... apartamento de um amigo... (D2 RJ 335: 83).

(32) *Drama* já basta a vida (DID SP 234: 155).

(33) *o Amazonas* é impressionante o número de frutas (DID RJ 328: 85).

2.3. Quanto à *categoria sintagmática* do elemento deslocado:

a) SN – simples ou complexo: veja, por exemplo, (27), (28), (29).

b) Pronome – pessoal ou dêitico:

(34) *elas* também *elas* comem muitas coisas... (DID RJ 328: 171).

(35) Olhe *isso* eu repito (0)... (EF REC 337: 140).

(36) é... *isso* eu já estou sabendo a causa (0) (D2 SP 343: 625).

Caso interessante é o seguinte, que parece "ir contra" as regras de anaforização, já que o pronome vem antes de seu referente, ou seja, age cataforicamente:

(37) L. ...inclusive o pato no tucupi eu achei muito ruim... sabe... eu não gostei realmente... achei ruim demais... não... não sei se é por que não é... eles acham aquilo maravilhoso... né... mas pro meu gosto [Doc. como é... você sabe?]
L. é o pato é assim... *ele* vem o pato cozido feito uma espécie de canja... (DID RJ 328: 140-147).

Talvez se pudesse classificá-lo como um deslocamento à direita, mas não me parece ser este o caso. Seria algo como: "Nesse pato (pato no tucupi) o pato vem cozido...".

c) SP:

(38) *De primeira classe* hoje em dia aqui nós temos poucas (0) (D2 SSA 98: 194).

d) SP sem cabeça:

(39) ... *o Amazonas* é impressionante o número de frutas... (DID RJ 328: 90-91)

(40) L2 houve um filme que foi baseado em três contos um deles de Machado de Assis... outro de... Machado de... Aníbal Machado e *o terceiro* eu não me lembro o nome que era o escritor (0) eram três escritores nossos... (D2 SP 333: 750-754).

2.4. Quanto à categoria *sinagmática do elemento coindexado interno ao enunciado*: embora se costume dizer que o caso mais comum é a retomada através de um pronome-cópia ou pronome-sombra (pessoal, demonstrativo, partitivo), são mais frequentes em nosso corpus as retomadas através da repetição integral ou parcial do próprio elemento lexical anteposto, como foi também constatado por Koch (1992) e Callou; Moraes; Leite; Kato *et alii* (1993) e se pode ver nos exemplos seguir:

(41) ... então *a salada* pro... pro pessoal de Buenos Aires *a salada* se resume a alface e tomate... (DID RJ 328: 231-232).

(42) Doc. a que se deve esse hiato que o senhor mencionou?

Inf. o quê?

Doc. esse hiato

Inf. *esse hiato* olha é um pouco difícil de se estabelecer assim:: a ... causa *desse hiato* porque ... o... essa... (é) o Orfeu do Carnaval se eu não::estrou bem lembrada da data... mas me parece que foi num momento... (D2 SP 333: 698-704).

(43) não... tu vês... por exemplo... o peixe ... *peixe* aqui no Rio Grande eu tenho impressão que se come *peixe* exclusivamente na Semana Santa... (D2 POA 291: 25-26).

(44) *um arquiteto* que se *forma*, o salário inicial de *arquiteto* (es) tá em torno de quatro mil e quinhentos cruzeiros... (D2 RJ 335: 265-267).

2.5. Particularidades da tematização:

Relevante é lembrar, como o faz também Blasco (1995: 53), que os elementos lexicais deslocados para diante do verbo, mesmo que já tenham sido mencionados no contexto precedente, nem sempre correspondem a entidades *dadas*, no sentido de infôrmação velha, de modo que se faz preciso distinguir entre retomada lexical e retomada referencial.

Há casos, por exemplo, em que se antepõe ao verbo um SN genérico, que é depois retomado no interior do enunciado por um pronome ou um SN definido, que refere membros da classe, sendo, pois, ao mesmo tempo, novo e previsível, devido à relação semântica que mantém com o SN já mencionado (isto é, *inferível*, na terminologia de Prince (1981)), como em (45):

(45) como assim? não entendi a sua dúvida por exemplo *o::...lemingue* toda vez que tem superpopulação *eles* vão para o mar *ee::* se matam aos montes (D2 SP 343: 1466-1468).

Outras vezes, o SN anteposto é retomado apenas parcialmente (cf. ex. 42); ou, então, expande-se, por ocasião da tematização, um SN

presente no contexto imediatamente anterior (em exemplos como “*O motor é novo; um motor novo, ele necessita de um tempo de amaciamento*”). Pode ocorrer, também, a tematização de um elemento lexical que designa um *domínio de referência (frame)*, sendo o elemento de retomada um dos elementos desse domínio (em exemplos do tipo “*O ônibus, o pneu estava furado*”), isto é, o elemento de retomada pode remeter a algum conhecimento pressuposto pelo SN tematizado. Também aqui, o elemento deslocado é, ao mesmo tempo, novo e previsível, em função do nexo semântico que mantém com um elemento precedente.

Há, ainda, casos como o do exemplo (17), em que o “*hanging topic*” – o *direito* – é, em seguida, especificado por outro elemento tematizado – o *fenômeno jurídico* –, sendo este retomado no interior do enunciado.

114 Interessante é também o exemplo (46), em que o SN complexo tematizado é retomado por outro elemento também tematizado, no caso, o demonstrativo *aquilo*:

46) *aquelas matérias todas que publicam ali aquilo até eu coleção*
(0) (D2 SP 255: 1176-1177).

Outro caso em que o elemento tematizado não veicula necessariamente informação dada é aquele em que dois enunciados são ligados por conectivos semânticos. Reinhart (1981) defende a posição de que, ao relacionarem dois enunciados, os conectivos semânticos abrem a possibilidade de se introduzir, no tema (marcado) do segundo, informação nova. Seria o caso de:

(47) L1 agora eu vou por isso só... porque eu tenho que fazer esse negócio e vou aproveitar pra uma coisa que há muito tempo desejava ver... que é o Maquiné...

L2 Maquiné...

L1 ... tem uma visita à gruta do Maquiné... porque Ouro Preto eu já conheço já tive lá... *Congonhas* também... de modo que minha pretensão agora é essa... (D2 SSA 89: 432-439).

Contudo, a informação aqui introduzida é nova apenas com relação ao contexto imediatamente precedente: levando-se em conta

que *viagens* é o tópico desse segmento e que o locutor está falando de Maquiné, local turístico do Estado de Minas Gerais, e Ouro Preto e *Congonhas* fazem parte do mesmo *frame* ou domínio de referência.

2.6. Quanto às funções da tematização:

Vimos anteriormente que, ao lado das sequências em que há integração plena entre elementos temáticos e remáticos, sem segmentações ou retomadas pronominais – as construções não marcadas, que constituem um padrão neutro em relação a oralidade/escrita – têm-se os procedimentos de tematização marcada, alguns também comuns aos textos falado e escrito (em geral aqueles em que se verifica maior integração sintática), outros típicos apenas da modalidade oral. Pode-se dizer que, de modo geral, ao recorrer às construções com tema marcado, o falante seleciona um elemento (estado de coisas, propriedade, relação, coordenada espacial ou temporal, indivíduo ou grupo de indivíduos, etc.) que deseja ativar ou reativar na memória do interlocutor e sobre o qual seu enunciado deverá lançar nova luz, para apresentar a seguir algo que considera desconhecido por este, que deseja enfatizar ou com o qual pretende estabelecer algum tipo de contraste. É por essa razão que o elemento tematizado desempenha papel relevante no processamento pragmático-cognitivo do sentido, na medida em que esta forma de organização é determinada quer por questões ligadas à continuidade ou mudança de tópico, quer por fatores como facilitação do processamento do texto, interesse, relevância, expressividade, necessidade de se ganhar tempo para o planejamento da parte restante do enunciado, entre outros.

Vejamos um exemplo em que, através da tematização, se introduz um novo segmento tópico:

(48) Doc. agora aquela zona ali do Paraná... eu tenho parentes lá... *as sobremesas delas* você teve oportunidade de...

L. ah... sobremesas... não... nós não ficamos muito tempo em Curitiba nós. fomos a/viemos... quando nós voltamos da Argentina nós fizemos pernoite só em Curitiba e viemos... entende? (DID RJ 328: 252-258).

Em (49), por sua vez, a tematização do SN *bebida alcoólica* na resposta do informante assinala a mudança de tópico induzida pela pergunta do doc., pois a informante vinha falando sobre refrigerantes:

(49) *Doc. e bebida alcoólica?*

L. *bebida alcoólica...* eu gosto muito... sabe... e domingo também eu às vezes me dou ao luxo... eh... às vezes a gente põe assim um vinhozinho ... então a gente toma vinho de acordo também com o tipo de comida... se é carne... aqueles hábitos que a gente tem... se é carne é vinho tinto... se é peixe a gente usa vinho branco... (DID RJ 328: 772-778).

116 O exemplo (4), aqui retomado com (50), é um exemplo em que, através da tematização, ocorre a retomada de um tópico anterior (*Nelson*, marido da locutora, havia constituído o tópico de um segmento tópico anterior do diálogo em que as informantes falavam sobre a profissão dos respectivos maridos):

(50) ... ele vai ao jogo de futebol com o tio... porque o *Nelson*... fins de semana *ele* estuda então:: quase não sai com a gente... (NURC SP D2 360: 1356-1358).

Em (51), temos um caso semelhante: o documentador apresenta um quadro tópico – *derivados do leite* – cujos diversos itens a locutora passa a desenvolver para, no final, através de um “ápосто resumitivo”, reiterar, sob forma de um antitópico, o tópico que lhe foi oferecido:

(51) *Doc.* há um derivado da:: do leite... que (assenta) bem em regimes... dependendo do tipo né?...

L. *é o queijo de Minas...* eu o uso:: de manhã às vezes eu como um pedaço de queijo Minas... e quando eu éh quando eu sinto que vou passar (um) período do dia... fora de casa que eu não vou chegar a tempo pra comer meio-dia... eu então levo um pedaço de queijo de Minas... é o que eu uso e/uso também muita *ricota*...

Doc. ah tá...

L. ... gosto muito de *ricota*... *sal iogurte* às vezes eu em vez de tomar café com leite... eu tomo *iogurte* ou *coalhada* também... que eu gosto... sabe?... eu gosto muito de *coalhada*... *iogurte esses produtos derivados do leite* eu... mas só... queijos brancos... eu só como queijos brancos (DID RJ 328: 610-623).

Outra função que costuma ser atribuída à tematização é de estabelecer contraste entre a informação veiculada pelo elemento tematizado e alguma informação apresentada anteriormente ou à qual a primeira se opõe. Veja-se, por exemplo:

(52) L2 ... os outros mesmos não se incumbem de colocá-la no lugar dela?

L1 bom... *com uns tapas*... às vezes ela se coloca

L2 ahn

L1 [mas *com palavras* ela não se coloca porque ela

L2 [ahn

L1 aumenta a voz com os irmãos... não é? ... (D2 SP 360: 258-234).

117 Função interessante é apontada por Blasco (1995: 52). Segundo ela, o deslocamento do SN para diante do verbo funciona como um dispositivo que permite retomar, em posição associada ao sujeito, um elemento lexical com todo o seu peso referencial. Assim, de uma parte, o elemento lexical se desloca no interior do discurso de uma posição construída pelo verbo regente (argumental) a uma posição não construída (não argumental); de outra parte, esse deslocamento permite “retomar” o elemento já citado no contexto anterior em posição associada ao sujeito, podendo-se, assim, dizer que se trata de *uma articulação sintática que organiza a repetição*.

A par de tudo o que foi discutido anteriormente, pode-se afirmar, de conformidade com van Dijk (1982, 1983) ao estabelecer o quadro geral de referência no interior do qual o conteúdo proposicional do enunciado se verifica, a estratégia da tematização desempenha papel de relevo na construção da coerência, tanto no nível local quanto no nível global do texto.

3. SEQUÊNCIAS REMA-TEMA

Ao lado das estratégias de tematização descritas, existem, também, as estratégias de *rematização*, responsáveis pela marcação do elemento focal, frequentemente com a anteposição do rema ao rema.

3.1. Também aqui podem-se observar *diferentes graus de integração sintática*, nos termos de Koch & Oesterreicher (1990):

- a) Casos em que se verifica um alto grau de integração sintática é o de algumas das orações, comuns à fala e à escrita, denominadas *cindidas* por Ilari (1992: 43), nas quais ocorrem “partículas de realce” ou construções gramaticais relativas que “desdobram” a oração em duas partes. Tais orações são também denominadas na literatura de *ciudadas* (cf., por exemplo, Callou *et alii*, 1993; Braga, 1991), podendo apresentar configurações sintáticas bastante diferentes.

118

Em (53), que é *clivada*, bem como em (54), que constitui *clivada com inversão* (cf. Callou *et alii*, 1993), antepõe-se o elemento focal, ocorrendo, portanto, a *rematização*:

- (53) *é o tal problema que a gente sente* (D2 SP 62: 325-326).
 (54) *... é isso que eu acho entendeu?* (D2 SP 62: 436).

Já (55) e (56) consistem em exemplos do que se tem denominado *pseudoclivada* em que ocorre *rematização*:

- (55) *o que me revolta profundamente é o programa Cinderela* (D2 SP 333: 1117).
 (56) *... o nosso fila é incapaz dessa antropofagia... sabe?... então eu achei lindo, foi uma uma sequência ontem do Globo Reporter foi essa da ... criação de filhas brasileiros e exportação para a Inglaterra.*

b) Construções com *rema anteposto*, marcado apenas prosodicamente, específicas da modalidade oral. Muitos autores tratam tais exemplos como casos de deslocamento à direita. Ilari, por exemplo (comunicação pessoal), os enquadraria como *anitópicos*; Kato (1989) os considera exemplos de deslocamento à direita do *tópico*, que supõem um sujeito nulo. Prefiro, contudo, sustentar a tese da *rematização* e acredito que uma análise prosódica mais acurada, que pretendo empreender com o auxílio de um fonó-

logo, deverá vir a reforçar esta posição, já que, também segundo Ilari (1992: 43-44), a expressão do *rema* está sempre associada a algum tipo de *proeminência entonacional*. Isto é, ao papel de *rema* estaria ligado um *invariante fonológico* que permite seu reconhecimento nas diferentes posições da oração em que possa ocorrer. Cabe ressaltar ainda que esse fato de segmentação só é detectado na relação *carafórica*. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (57) *... passei ali em frente à: Faculdade de Direito... então estava lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze... (com) a tia sabe?... e: está muito pior a cidade... está... o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo... tudo acinzentado né?* (D2 SP 343: 20-24).

- (58) L1 *... e toda segunda à noite eu passo ali do lado da faculdade certo?*
 L2 *quando você vai pra:: para Aliança né?*

L1 é quando eu pego o carro... e:: *também é horrível* o aspecto... (parece) assim *monoteira* de concreto... sem nenhum aspecto humano certo? (D2 SP 343: 28-33).

- (59) *... Lins por exemplo não é assim né? você tem... tem um aspecto de:... de acho que parece bairro a cidade né?* (D2 SP 343: 58-59).

(60) Doc: *vocês acham então que o noticiário em TV tem melhorado bastante*
 L *tem pode melhorar mais nesse ponto o o:: telejornal nosso... pode aprimorar bastante... eu acho... bastante* (D2 SP 333: 988-902).

Interessante é notar que, no exemplo acima, tem-se um caso de “*Double-bind*” sintático (cf. Franck, 1986): o tema *o o:: telejornal nosso*, posposto ao *rema*, torna-se, por sua vez, o tema (não marcado) do *rema* seguinte *pode aprimorar bastante*.

- (61) *então o cara aí ... analogia né? o cara está no carro mas... o que querem?... é tribal a coisa né?* (D2 SP 343: 701-702).

119

(62) e o pato é assim... ele vem o pato cozido feito uma espécie de canja... só que o caldo é justamente é uma água misturada com uma farinha eu acho que é... *é talhacá se não me engano o nome da farinha que eles usam...* (DID RJ 328: 133-136)

- c) sequências formadas dos dois blocos – rema-tema – sem verbo, apenas justapostos sem vínculo sintático, em que ocorre um aumento da expressividade, a par de um menor esforço de planejamento. É o que Karo (1989) denomina “*free small clauses*”:

(63) ...eu gostei é um filme de amor... umas cenas maravilhosas... *lindo o filme... eu assisti faz tempo já...* (DID SP 234: 335-337).

120

3.2. Quanto aos *procedimentos linguísticos utilizados*, tem-se, basicamente, o deslocamento à esquerda. Este pode ocorrer acompanhado apenas de marcas prosódicas (casos b) e c)), ou com a utilização de determinadas marcas sintáticas que caracterizam as orações cindidas (caso a)), a saber:

- a) expressão *é que (foi que)* delimitando o rema anteposto;
b) expressão *é que (foi o) que(que)* seguindo o rema anteposto;
c) construções gramaticais usando orações adjetivas, como *o que (me) ... é/foi*, podendo o pronome relativo vir elidido.

3.3. Quanto às *funções* que desempenham as construções com anteposição do rema, verifica-se que estão diretamente ligadas à expressividade e ao envolvimento do falante com o assunto e com o interlocutor, sendo, por isso, mais frequentes na fala do que na escrita, especialmente em situações de interação menos formais.

A anteposição do rema ao tema constitui expressão de alto envolvimento. Na perspectiva do falante, permite-lhe antecipar na

formulação aquilo que constitui a meta de sua comunicação; do ponto de vista do interlocutor, tal sequência, normalmente acompanhada de acentuação entonacional do rema, é sentida como marcada relativamente à sequência rema-tema e; portanto, veiculadora de algum tipo de informação discursiva adicional, o que, sem dúvida, compensa o seu duplo custo operacional: o rema fora de sua posição sintática normal e de sua posição em termos da estrutura informacional *dados/novo*.

Assim, no caso das orações cindidas, em que comumente a parte focal representa informação nova e a parte pressuposicional, informação dada, a função é enfatizar o rema anteposto. Dessa forma, um importante fator determinante do uso das cindidas seria o propósito do falante de assinalar uma sutil oposição ou contraste. Segundo Hupet & Costermans (1982: 280), ao usar uma estrutura cindida, a intenção do falante é contrastar sua mensagem com qualquer outra proposição que poderia invalidá-la. Os autores acabam por concluir que, em termos dos componentes pragmáticos determinantes desse uso, as cindidas podem ser vistas como motivadas pela discordância que o falante supõe existir entre a sua posição e aquela que ele se sente autorizado a atribuir ao seu interlocutor. É importante essa ressalva: não se trata da real posição do interlocutor, mas daquela que o falante lhe atribui, isto é, das crenças que, correta ou incorretamente, o falante atribui ao seu parceiro.

Hupet & Costermans ressaltam, ainda, que há casos em que a oração cindida enfatiza não um elemento que poderia ser visto como não partilhado pelo interlocutor, mas um elemento sobre o qual o próprio falante não tinha total certeza até alguns minutos atrás. Aqui seria como se o falante “falasse com seus botões”, corrigindo seu ponto de vista anterior.

Ao contrário das estratégias de rematização, que têm sido objeto de ampla gama de investigações, as estratégias de rematização, excetuando-se o caso das orações clivadas e pseudoclivadas, constituem um domínio ainda pouco explorado, pelo menos no que diz respeito ao português (ressalve-se, contudo, o trabalho de Ilari, 1987/1992).

121

4. COMENTÁRIOS GERAIS SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE TEMATIZAÇÃO E REMATIZAÇÃO

O grupo de estratégias aqui descrito tem interferência direta na produção do sentido e exerce, portanto, papel relevante na construção do texto e da coerência textual.

As marcas de redundância implicadas na formação das construções segmentadas, conforme ressalta Lèbre (1987: 129), constituem, para o locutor, um meio de remediar os inconvenientes da linearidade da fala, já que nesta qualquer retorno é impossível, bem como acrescentar ao seu enunciado índices que, sem elas, não lhe seria possível inserir.

Frequentemente, as construções segmentadas, por vezes precedidas ou seguidas de hesitações ou de marcadores discursivos como *enfin, quer dizer, bom, bem*, entre outros, derivam de estratégias de reformulação ou correção do texto falado.

Além disso, como bem mostra Lèbre, a segmentação permite ao locutor proceder a uma espécie de hierarquização das unidades linguísticas utilizadas, e apresentar um ponto de vista pessoal, moldando o destaque seu enunciado. Desse modo, tais construções constituem marcas da inscrição do enunciador no discurso.

Ao destacar um elemento do enunciado, estabelece-se uma oposição entre ele e outros elementos, que pode ser explícita ou implícita. As oposições implícitas, que são apenas sugeridas pelo elemento destacado, revelam a presença de um não dito: "*Faire d'un objet quelconque un thème marqué, l'isole et par là même le définit comme quelque chose dont le commentaire ne peut s'appliquer qu'à lui. Il y a une exclusion implicite dans toute topicalisation, et dans tout thème marqué, il y a toujours, implicite, un autre*" (Laparra, 1982: 222, *apud* Lèbre, 1987).

Além disso, salienta Lèbre, as construções segmentadas desvelam um não dito de certa forma inerente à elaboração de toda e qualquer produção de linguagem, já que permitem distinguir entre o que é posto e o que é pressuposto e estabelecem as próprias condições de existência do discurso.

Assim, para o interlocutor, as construções segmentadas são também o índice de uma confrontação ou de uma aproximação não explicitamente marcada entre os propósitos explicitamente apresentados e outras produções discursivas, o que vem comprovar a afirmação de Bakhtin (1929: 113) de que "toda comunicação verbal, toda interação verbal, desenrola-se sob a forma de um intercâmbio de enunciados, isto é, sob a forma de um diálogo".

São as aproximações implícitas que permitem relacionar a expressão destacada, isolada do enunciado, à temática global de um discurso, estabelecendo um liame entre seus diferentes segmentos. Isso explica por que, muitas vezes, o emprego de construções segmentadas coincide com a passagem de um segmento tópico a outro, isto é, marca uma mudança ou um deslocamento do tópico discursivo.

Outra função importante das construções segmentadas em que se desloca para a direita o elemento extraído é, como foi dito, a de desambiguar o enunciado e facilitar a compreensão: a redundância assegurada pela retomada contribui para a melhor interpretação do texto e para a construção de sua coerência.

Por todas essas razões — a par de outras que não puderam ser aqui destacadas — é que se pode afirmar que as *estratégias de segmentação* desempenham papel de relevância na construção e na compreensão do texto falado.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. *Maximismo e filosofia da linguagem*. Trad. bras. São Paulo: Huicrec, 1981 (1929).
- BLASCO, M. "Dislocation et thematisation en français parlé". *Recherches sur le français parlé*, nº 13, 1995, p. 45-65.
- BRAGA, M.L. "As sentenças divididas no português falado no Rio de Janeiro". *Revista Organon*, nº 18, 1991, p. 109-125.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LETTE, Y.; KATO, M. et alii. "Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe & prosódia". In: CASTILHO, A.T. (org.). Gramática do português falado: as abordagens, v. 3. Campinas: Ed. da Unicamp/FAPESP, 1993, p. 315-362.
- CASTILHO, A.T. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: Diálogos entre dois informantes*. São Paulo: TA Quetroz, 1987.
- & PRETTI, D. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: v. 1: Elocuções formais. São Paulo: T.A. Quetroz/FAPESP, 1986.
- DANĚŠ, F. "Order of elements and sentence intonation". In: *To Honor Roman Jakobson I*. Haar: Mouton, 1967, p. 499-512.
- _____ (ed.). *Papers on Functional Sentence Perspective*. Prague: The Hague, 1974.

- FRANCK, D. "Sentenças em turnos conversacionais: um caso de *double-bind* sintático". *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 11, 1986, p. 9-20.
- HUPET, M. & COSTERMANS, J. "A funcional approach of language processing". In: LENY, J.F. & KINTSCH, W. (eds.). *Language and Comprehension*. Amsterdam: North-Holland, 1982.
- ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2ª ed. revista, 1992.
- KATO, M. "O estatuto sintático e semântico da noção de tópico no português do Brasil". Conferência proferida em concurso para Professor Titular. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989 (mimeo).
- _____. "Sujeito e tópico: duas categorias em sinaxe?". *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 17, 1989.
- KOCH, Inedore G. Villaga. "Markierte Topik-Konstruktionen im Brasilianischen Portugiesisch". *Folia Linguistica* XXVII/1-2, 1992, p. 65-74.
- KOCH, P. & OESTERREICHER, W. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch, Türkisch*. Tübingen: Niemeyer, 1990.
- LAMBRÉCHT, K. *Topic, Antitopic, and Verb-Agreement in Non-standard French*. Amsterdam: Benjamins, 1981.
- LÈBRE, M. *L'écrite-analyse des documents sonores et leur utilisation en classe de langue*. Thèse Nouveau Régime, Paris III, Sorbonne Nouvelle, 1987.
- MARCUSCHI, Luiz A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MATEUS, M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.
- NASCIMENTO, M. *Prolegômenos à gramática do português falado*, 1995 (mimeo).
- PONTES, E. O tópico no português do Brasil. Campinas: Pontes, 1987.
- PRETI, D. & URBANO, H. *Alingagem falada e a cidade de São Paulo*. v. 3: Entrevistas. São Paulo: F.A. Queiroz/FAPESP, 1988.
- PRINCE, Ellen. "Towards a taxonomy of given-new information". In: COLE, Peter (ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.
- REINHART, T. "Pragmatics and linguistics: an analysis of sentence topics". *Philosophica*, 1981, 27(1): 53-94.
- VAN DIJK, T.A. *Text and Context: Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*. London: Longman, 2ª ed., 1982.
- _____. *La Ciencia del Texto*. Barcelona: Paidós, 1983.
- (1ª versão em: "Estratégias de segmentação do enunciado e suas funções textuais-interativas". In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C. & SCHÖNBERGER, A. *Estados de Linguística Textual do português*. Frankfurt am Main: TEMA, 2000, p. 127-148.)

8. PROGRESSÃO REFERENCIAL, PROGRESSÃO TEMÁTICA E PROGRESSÃO TÓPICA

1. INTRODUÇÃO

Progressão continuidade tópica, progressão continuidade referencial e progressão continuidade temática são conceitos frequentemente mobilizados nos estudos sobre texto/discurso. Contudo, a aceção que se dá a esses termos varia não só de perspectiva teórica para perspectiva referencial, como mesmo de autor para autor. Embora todos esses procedimentos, cada um a seu modo, sejam responsáveis pela progressão textual, é possível evidenciar-lhes características diferenciadoras. Assim sendo e por tratar-se de noções básicas para a compreensão da organização e do funcionamento dos textos, proponho-me apresentar, neste capítulo, à luz do instrumental teórico da tendência atual da Linguística do Texto a que me filio — a vertente cognitivo/discursiva/interacional —, uma conceitualização mais precisa e operacional dos termos em foco. Procurarei mostrar em que aspectos se diferenciam e evidenciar o seu papel no processo textual, na medida em que são diretamente responsáveis pelos dois grandes movimentos discursivo-cognitivos de avanço e retroação, que presidem à criação da tessitura textual.

2. PROGRESSÃO/CONTINUIDADE REFERENCIAL

A referencialização é responsável, como sabemos, pela introdução no texto de referentes novos ou inferíveis a partir de outros elementos